

PROFESSORES E ALUNOS EM PROCESSO DE APRENDIZAGEM E DE LIBERDADE: A PEDAGOGIA ENGAJADA DE BELL HOOKS

Ensinando a transgredir – a educação como prática da liberdade, de Bell Hooks. HOOKS, Bell.
Tradução de Marcelo Brandão Cipolla.
São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

DOI: 10.15668/1807-8214/artemis.v21n1p147-148

ELIZA DE SOUZA SILVA ARAÚJO
PPGL/UFPB

Em seu *Ensinando a transgredir – A educação como prática de liberdade*, bell hooks, a partir de sua experiência pessoal na infância, como aluna de uma escola frequentada por negros, e passando pela transição para uma escola “integrada”, analisa o poder e o efeito de uma pedagogia que reforça a prática da liberdade; em especial quando reflete acerca da prática dos professores brancos que passou a ter na escola integrada, que ensinavam a partir de uma perspectiva colonialista, racista e excludente. A análise de hooks perpassa os seus primeiros anos como aluna, mas se estende até a sua prática pedagógica como docente no ensino superior estadunidense nos dias atuais.

Como professora, hooks passou a perceber ainda mais profundamente o tamanho do desafio de trabalhar com educação numa perspectiva libertadora – ou explorando o que ela chama de uma “pedagogia engajada” (p. 21). Ela sabia que “Para os negros, o lecionar – o educar – era fundamentalmente político, pois tinha raízes na luta antirracista” (p. 10).

Quando conheceu a obra de Paulo Freire, passou a criticar até mesmo as limitações de salas de aula em que a pedagogia crítica já tinha espaço: nas salas de aula de estudos feministas. hooks então desenvolveu uma prática pedagógica anticolonialista, crítica e feminista, em que busca questionar, em suas aulas, os sistemas de dominação presentes no que, a seu ver, se manifestam através do sexismo, racismo e na desigualdade entre classes.

Além deste ponto de partida teórico-crítico, hooks pontua como busca reforçar com seus alunos que suas experiências de vida (aquelas muitas vezes negligenciadas por professores universitários pela linguagem e conteúdo não eruditas) são essenciais para pautar e ilustrar as discussões teóricas feitas em sala.

Em grande parte da reflexão contida nesta coleção de ensaios, temos a presença dos pressupostos teóricos de Paulo Freire acerca de uma educação libertadora, do engajamento necessário por parte do professor, da valoração da experiência dos alunos, entre outros. Embora hooks esteja atenta à importância destes escritos para a prática pedagógica, a crítica pensadora não foge da discussão já instaurada entre as educadoras feministas, de que a obra do pensador brasileiro contém uma “linguagem sexista” (p. 69), logo, não inclusiva das mulheres – em especial das mulheres negras. hooks, no entanto, no ensaio-entrevista-intrapessoal intitulado “Paulo Freire” defende que exatamente o modelo de pedagogia crítica proposta pelo pensador, abre espaço para este tipo de questionamento crítico e que é possível agregar a pedagogia de Freire ao pensamento feminista.

A autora também destaca a importância do fato de que Freire, quando questionado pela crítica feminista, assumiu que havia falhas, lacunas em sua obra no que concerne a discussão de gênero.

É nas salas de aula de Estudos da Mulher, entre outras, mas sempre partindo do ponto de vista feminista, que hooks centra a maior parte das discussões nos ensaios contidos neste livro. A autora passa pela importância do compartilhamento de histórias pessoais nas aulas, permitindo que alunos adquiram uma linguagem própria e pessoal a partir de suas experiências à importância da teoria para a prática da liberdade; aborda formas em que a prática pedagógica precisa ser repensada; pontua historicamente o deslocamento da mulher negra estadunidense nos anos 70, que encontrava sexismo nos movimentos de direitos civis, e racismo no movimento feminista, entre outras temáticas. O que sempre está pautando o seu texto, no entanto, é a necessidade de se educar os alunos para que se tornem

livres, pensadores autônomos, críticos, capazes de praticar o respeito a opiniões contrárias e ainda assim coexistir num mundo em que elas estão e por vezes colidem com suas próprias opiniões.

Os textos contidos nesta coleção, em muito lembram alguns dos ensaios que compõe a obra *Talking back - thinking feminist, thinking black*; essa, publicada em 1988. Na referida coleção de 24 ensaios, a autora discorre sobre diversos tópicos - em diálogo com a consciência feminista negra - ressaltando a importância da voz da mulher negra nos mais variados contextos. Nesta obra, hooks começa a revisitar sua vida escolar/acadêmica e reflete sobre ela em termos de voz.

O que *Ensinando a transgredir* traz de acréscimo a essa reflexão, é a perspectiva da crítica à pedagogia dos professores que, na escola integrada, reprimiam a experiência dos alunos ao seu redor; bem como àqueles que, na universidade, reprimem a voz dos alunos, instaurando uma atmosfera hierárquica em que apenas o que o professor diz é correto ou intelectualmente relevante.

O traço mais marcante do texto de hooks em *Ensinando a transgredir*, que percebo também em outros textos que assina, é o compromisso com as ideias que defende. Com este compromisso vem uma despreocupação com o *status quo*. Em repetidos momentos nos ensaios do livro em tela, hooks afirma que seus textos foram ao longo de sua história como pensadora, taxados de não suficientemente acadêmicos, porque trazem o elemento da narrativa pessoal, da experiência, para dentro da teoria. Tal fato não a preocupa. A autora ainda aponta que é muito criticada por alunos na sua prática, quando busca levantar discussões no intuito de desconstruir pensamentos equivocados sobre raça e gênero.

Tal fato tampouco a preocupa. Ela diz nunca ter se imaginado professora universitária há alguns anos atrás, porque simplesmente não conhecia nenhuma professora universitária negra. Tal fato não impediu que ela seguisse a carreira acadêmica.

A convicção e honestidade teórica com que hooks conduz seus textos não deixa dúvidas: é uma professora e pensadora altamente comprometida com sua missão de educar “seres humanos ‘integrals’, buscando não somente o conhecimento que está nos livros, mas também o conhecimento acerca de como viver no mundo” (p. 27).

Além de seu compromisso na esfera pedagógica, também está ciente de seu compromisso com a produção da teoria para que o ensino seja repensado e aprimorado: “A educação está numa crise grave. (...) Não poderemos enfrentar a crise se os pensadores críticos e os críticos sociais progressistas agirem como se o ensino não fosse um objeto digno de sua consideração” (p. 23).

As considerações de hooks para a educação são válidas, atuais e não só críticas, como passíveis de críticas construtivas que possam aprofundar ainda mais a experiência de ensinar numa perspectiva anticolonialista e feminista. Precisamos destas ponderações. Precisamos pensar, discutir e escrever mais a respeito de uma pedagogia que liberte e forme agentes comprometidos com um mundo mais justo.